

Resenha Crítica

MetaCiência na prática: para lidar com a pesquisa científica

(NICOLAU, Marcos. João Pessoa: Ideia Editora, 2016, 78p.)

Maryellen BĂDĂRĂU¹

O fazer ciência produz questionamentos e conflitos no âmbito acadêmico, esteja o pesquisador na posição de discente ou docente. Seguindo essa premissa, Marcos Nicolau, em seu livro intitulado *MetaCiência na prática: para lidar com a pesquisa científica*, traz à tona diversas questões desse universo, baseado em sua experiência como professor da graduação e pós-graduação. Lançado em 2016 pela Editora Ideia, a obra tem o objetivo de “traçar um conjunto de posturas e procedimentos oportunos a questões subjacentes ou paralelas que permeiam o trabalho científico” (NICOLAU, 2016, p. 18), se utilizando de exemplos e metáforas para eludir um novo olhar do *modus operandi* da pesquisa.

De um modo geral, o autor faz análises e questionamentos do cotidiano científico: 1) sobre estruturação da pesquisa e a reflexão a respeito da forma que atualmente se concebe a construção do pensar científico; 2) sobre método e metodologia, questionando a necessidade de sua pré-definição para encontrar, definir e entender um fenômeno; 3) da importância do uso de recursos cognitivos como analogias e metáforas, bem como da utilização de um rigor científico quanto a parte pragmática da produção (Normas da ABNT, por exemplo), retratando a relevância da compreensão e aplicação dessas técnicas no ato metodológico da pesquisa; 4) a respeito de assuntos pontuais sobre o relacionamento do orientando-orientador e as implicações que afetam positiva e negativamente a realização do trabalho científico; e 5) sobre o olhar do pesquisador em seu papel na ciência, a importância de ser criativo, enxergando o não dito e usando os recursos metodológicos disponíveis em favor de seus objetivos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGC-UFPB. Linha de Pesquisa: Mídia, Cotidiano e Imaginário. E-mail: maryellen_ingrid@hotmail.com

Para sistematizar essas discussões, Marcos Nicolau organizou seu livro em 4 capítulos que englobam as temáticas anteriormente citadas e suas considerações em relação às prospecções apresentadas, totalizando 78 páginas que estão disponibilizadas tanto em mídia impressa quanto em forma de E-book. A ideia central desse trabalho é pensar a *metaciência* como “uma ciência da ciência”, construindo ao longo das páginas uma epistemologia da pesquisa em Comunicação. De maneira mais específica, pode-se afirmar que essa obra se constitui em um manual para o pesquisador, pois mostra soluções possíveis para os embates enfrentados no fazer ciência através do senso comum, simplificando didaticamente conceitos e direções.

Na introdução, o autor retrata a importância da consciência do pesquisador quanto ao seu trabalho científico: a ciência como uma obrigação ou como uma contribuição para a sociedade? Levando em consideração o contexto da produção científica, práticas inadequadas conduzem o pesquisador para maus caminhos, levando-o à insatisfação quanto às suas práticas acadêmicas e metodológicas, além de afetar diretamente em seus resultados. Bem certo que esse ambiente está cercado de sacrifícios e conflitos e aqui Nicolau (2016) tem seu ponto de partida para pensar como uma postura metodologicamente adequada pode transformar esse cenário de caos em algo sistemático e objetivo.

Pode-se afirmar, a partir das leituras, que a compreensão das etapas do processo científico torna-se um catalisador de experiências de pesquisa (p. 27). No capítulo 1, intitulado *Metaciência e a percepção dos fundamentos científicos*, o autor reflete a definição de *Metaciência* a partir da interpretação de estágios metodológicos que se fazem necessário em todos os planos de investigação. Entender, dentro de uma realidade particular ou geral, a relação entre um objeto de estudo com uma teoria que, aplicada a uma metodologia, pode ser estudada em um determinado contexto faz parte da dimensão metafísica de toda a ciência. Constitui-se como um método incentivador capaz de superar toda e quaisquer dificuldades metodológicas do fazer científico.

A partir desse parâmetro, Marcos Nicolau definiu Método como sendo “o processo pelo qual se pode atingir um determinado objetivo para fins de conhecimento e metodologia como um conjunto de conhecimentos aplicáveis a cada área do saber para conceber a produção científica”. Assim, todo pesquisador que é capaz de pensar esse esquema conceitual poderá visualizar possíveis conclusões para suas pesquisas antes

mesmo de serem aprofundadas (p. 29). Para facilitar a imaginação sistemática dessa ideia, o autor apresenta a metáfora como ferramenta importante nesse processo, capaz de esclarecer, a partir da criatividade, o contexto no qual o pesquisador está inserido.

Na página 31, Nicolau traz o conceito das três metodologias de Elizabeth Teixeira (2009) para aprofundar a discussão, classificadas como: *Metodologia Acadêmica*, que faz parte das práticas exigidas na academia; a *Metodologia da Ciência*, o pensar epistemológico; e, por fim, a *Metodologia da Pesquisa*, que projeta novos objetos de estudo, os problematizam e propiciam as pesquisas a partir de inter-relações do orientando-orientador. Nessa perspectiva, a pesquisa científica pode ser entendida como um grande sistema composto por engrenagens que funcionam entre si, cada qual a sua forma e com sua função, que fazem o *Modus Operandi* da ciência.

No capítulo 2, intitulado *Das disciplinas das normas às indefinições metodológicas*, o autor retrata a importância da normatização dos trabalhos científicos, mas enfatiza que não é o formato que define os equívocos de uma pesquisa (pág. 36). Apesar de saber da importância de uma padronização, em meio ao cenário de inúmeras submissões de todo tipo de produção acadêmica, Marcos Nicolau questiona se a aplicação de cansativas cláusulas, contidas na “Grande Norma”, não estão diretamente relacionadas a transtornos vivenciados no fomento científico. Não estaria a academia cultivando, de certa forma, uma cultura da memorização ao invés de aprendizagem frente às iniciativas científicas? O fato é que, no momento em que o pesquisador obtiver um olhar voltado para essas questões, vai descobrir um caminho mais prazeroso para seguir, que não comprometa sua credibilidade nem afete o resultado de suas e de outras pesquisas.

Nessa linha de raciocínio, o autor destaca que “alcança resultados mais rápidos o pesquisador que assume rapidamente o quanto é importante desenvolver um senso normativo coerente, que garanta informações corretas, fáceis de serem compreendidas e comprovadas” (p. 39). Baseado nessas práticas, o pesquisador desenvolve um rigor e segue com disciplina durante sua produção, e isso o ajuda a desenvolver uma praticidade e organização frente a suas pesquisas.

Ao iniciar sua exploração diante do objeto de estudo, pressupõe-se que um pesquisador experiente já tem em mente todos os passos que ele deve seguir. Porém, diante da complexidade dos fenômenos, na prática, os procedimentos metodológicos

pré-definidos nem sempre se adequam. Isso é consequência de um pensamento que restringe a ciência à meras delimitações. No texto, o autor traz os conceitos de Juremir Machado (2015) para alertar que o imprescindível na pesquisa é pensar em que resultado se quer entregar, e isso vai além de qualquer decisão metodológica. Apesar dessas concepções, Feyerabend (2007) vem colocar um contraponto: uma ideia ou uma metodologia que não se complementa com outras ao seu redor não pode conceber um entendimento completo do objeto de estudo e de seu contexto.

Essa lógica de contextualização tem a ver como as pesquisas estão localizadas e como são pensadas. No terceiro capítulo, que fala sobre o *rigor científico e sua relação com a criatividade*, a ideia de fazer ciência apenas usando a razão é desacreditada. Independentemente da situação, no decorrer do raciocínio lógico, o pesquisador necessitará de recursos criativos para desenvolver seus pensamentos científicos (p. 47), e dessa forma, a razão e a criatividade devem se articular no processo de construção de uma teoria. A exemplo disso, o aprofundamento e ampliação dos estudos sobre os métodos dedutivo, indutivo e, principalmente o abduutivo puderam ser realizados a partir dos séculos XIX e XX por Charles Sanders Peirce (p. 51).

Sendo assim, Marcos Nicolau conclui que a criatividade é “uma reação de busca por alternativas ou soluções quando a racionalidade mostra-se limitada e insuficiente” (p. 54). Configura-se como um recurso provocador de uma postura do pesquisador que deve pesar essa possibilidade e utiliza-la de maneira clara e objetiva. O texto ressalta que é importante analisar o momento certo para usar conjecturas, sendo elas necessárias quando o raciocínio lógico não é suficiente para compreender um fenômeno. Num cenário onde o raciocínio lógico e a criatividade trabalham juntos, não é difícil imaginar uma ciência equilibrada, com menos equívocos e mais alternativas frente aos seus desafios.

Para uma melhor visualização do problema de pesquisa, o uso da criatividade é mais recorrente no método abduutivo, onde recursos como gráficos, mapas mentais, e metáforas podem dar outras percepções em relação ao problema de pesquisa. Além disso, esses mecanismos funcionam como conectivo com a lógica, formando o que o autor chama de “racionalidade imaginativa” que relaciona o contexto particular a outros modelos parecidos e apresenta soluções a partir desse novo olhar.

No quarto e último capítulo, o autor traz à tona uma discussão não menos importante do que aquelas que já apresentamos aqui. *Conflitos de orientação: para o bem e para o mal* vem falar dos embates gerados nas relações que surgem a partir da convivência acadêmica entre orientando-orientador. Os motivos são muitos, vai desde a divergência de interesses à conceitos e vaidades, porém essas diferenças precisam ser voltadas para alcançar objetivos comuns à pesquisa. Esse tipo de problema é bastante recorrente no ambiente acadêmico e prejudica a execução crítica do trabalho a ser desenvolvido, pois esse desequilíbrio pode resultar em uma atitude medíocre por parte do pesquisador, que buscará apenas cumprir as etapas do processo e receber a aprovação, transformando o dever científico em mera obrigação (p. 61).

Colocando em prática seus conselhos sobre criatividade, Marcos Nicolau traz metáforas que ilustram os tipos mais comuns de relação entre orientando-orientador. 1) *Patrão e Empregado*: o orientador fala e o orientando obedece, limitando seu desenvolvimento para um pensamento científico e para a pesquisa; 2) *Polícia e Bandido*: o orientador toma o papel de juiz e o orientando de transgressor da lei, gerando nele um medo de ser ousado e visionário, além de fazer com que a pesquisa trilhe velhos caminhos sem que consiga avançar em seus resultados; 3) *Faixa de Gaza*: ambos disputam pela razão e méritos de pesquisa, não conseguindo abrir mão de seus conceitos pré-definidos em busca de um bem maior; 4) *Marido e Mulher*: há desentendimentos e reconciliações constantemente, o que afeta também o resultado das pesquisas pois acaba-se escolhendo o caminho mais fácil para seguir; e 5) *Pai e Filho*: é indicada como a relação mais saudável para a pesquisa, pois implica em desenvolvimento, aconselhamento e disciplina, além de incentivar o diálogo entre o orientando-orientador.

Dessa maneira, o autor sugere que o relacionamento ideal em benefício de uma pesquisa é aquele em que o orientando tenha liberdade de dar seus próprios passos, cometer seus próprios erros e desenvolver-se como um pesquisador. Assim também, o orientador deve cumprir seu papel apontando soluções à luz de suas experiências (pág. 65 e 66), norteados os trabalhos, rebatendo ideias pré-definidas com o intuito de solidificar os argumentos apresentados pelo orientando, verificando a padronização de acordo com as normas vigentes, dentre outras coisas.

De fato, nessa obra pode-se apreender algumas das percepções do professor e pesquisador Marcos Nicolau que, dada sua experiência acadêmica e científica, podem ser estendidas a todos que fazem parte desse contexto. Partindo do pressuposto de pensar em uma metaciência, o autor transformou suas inquietações e reflexões sobre a práxis científica/acadêmica em um mapa que traça os principais caminhos que um pesquisador deve percorrer, desde a construção de um pensamento crítico até a sua estruturação em um trabalho acadêmico. Com muita cautela, o autor esclarece alguns conceitos, pensando epistemologicamente sobre método e metodologia, teoria e prática científica, explanando suas afirmações com exemplos práticos do cotidiano que vão para além das páginas do *Word*. É um guia prático e objetivo para quem quer, definitivamente, aprofundar o olhar sobre o *Modus Operandi* da pesquisa.